

SOBRE A NECESSIDADE DE REPENSAR O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO¹

ABOUT THE NECESSITY OF RETHINK THE TEACHING OF THE PORTUGUESE LANGUAGE ON HIGH SCHOOL

Wallace Dantas (UFRN)²

Resumo: O presente trabalho busca fazer uma reflexão referente ao sentido da disciplina “Língua Portuguesa”, no que tange ao seu ensino em escolas brasileiras. Pretende-se uma análise a partir dos documentos oficiais que regem a educação no Brasil, relacionando-a ao contexto da sala de aula. A partir dos PCN's, propoe-se uma reflexão sobre o procedimento sugerido para as aulas de língua materna. No decorrer da reflexão, à luz de Oliveira (2010), Travaglia (2011) e Franchi (2006), sugerem-se algumas maneiras de como as aulas de português podem ser aprimoradas. Por fim, com Silva (2008) e Fazenda (2013) é sugerido um trabalho efetivo com a interdisciplinaridade e com os contextos nos quais se insere o aluno brasileiro.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Ensino Médio. Interdisciplinaridade. Ressignificação.

Abstract: The present work seeks to reflect relative to sense of the discipline “Portuguese Language”, in reference of its teaching in brasilian schools. It's intended an analysis starting of the official documents that govern the education on Brazil, relating it to the context of the classroom. Starting to the PCN's, it's proposed a reflection about the suggested procedure to the classes of native language. During the discussion, in the light of Oliveira (2010), Travaglia (2011) and Franchi (2006), it's suggests some ways of how to portuguese classes can be improved. Lastly, with Silva (2008) and Fazenda (2013) is suggested a effective work with the interdisciplinarity and with the contexts in which it inserts the brasilian student.

Password: Portuguese Language. High School. Interdisciplinarity. Re-signification.

“Repensando” o ensino de Língua Portuguesa: a busca pelo “Sentido”

Sentido. Este deve ser o ponto de partida para toda e qualquer prática educacional. O professor precisa construir um sentido para si, para sua prática docente e, assim, apenas por este caminho, o ensino poderá proporcionar trajetórias e possibilidades satisfatórias aos alunos no que diz respeito à aprendizagem.

¹ Um debate preliminar sobre esse “repensar” a língua portuguesa no ensino médio foi publicado brevemente na “Revista EducarMais” (Volume 1, Ano: 2017) do Sistema Ari de Sá de Ensino. Aqui, de forma ampla e profunda, retomo essa discussão que, acredito, está longe de ser suficiente.

² MestraNdo em Estudos da Linguagem, linha de pesquisa “Linguística Teórica e Descritiva”, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, Campus Central, Natal. Bolsista do CNPq. E-mail: walledantaspb@hotmail.com

Os propósitos, objetivos e construções da forma de ser, devem (ou deveriam) estar bem consolidados e aprofundados no ensino médio, e, em se tratando do ensino de Língua Portuguesa, torna-se inconcebível uma prática docente que não haja no/pelo/para o social, construindo sujeitos para o mundo. Prontos? Talvez. Mas certamente dispostos a aprender e ver criticamente o mundo à sua volta. Tal Aprendizado e Leitura são possíveis de ser efetivados através do sentido que damos à nossa língua, aquilo que nos é oferecido assim que nascemos, dando-nos uma forma de ser, de nos expressar, de nos entender enquanto indivíduos.

Se tomarmos como base a Língua Portuguesa, a partir das *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (2006), entenderemos a importância de se construir sentidos em sala de aula, já que tudo se dá pelo processo, um processo que não termina nesta fase, mas que, pelo contrário, deve ser consolidado, (re)aproveitado e aprofundado para que suas capacidades sejam desenvolvidas.

Para isso, esta fase deve oferecer ao aluno a possibilidade de “(i) avançar em níveis mais complexos de estudos; (ii) integrar-se ao mundo do trabalho, com condições para prosseguir, com autonomia, no caminho de seu aprimoramento profissional; e (iii) atuar, de forma ética e responsável, na sociedade, tendo em vista as diferentes dimensões da prática social” (BRASIL/SEMTEC, 2006, p.17-18). Sendo assim, um ensino de Língua Portuguesa fora do contexto social fará com que o aluno continue sem perspectivas, sem a devida compreensão de sua participação na construção de sentidos para a sociedade (TRAVAGLIA, 2011)

O processo - no qual está em jogo a efetivação do ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa - dependerá das escolhas feitas pelo professor, da metodologia por ele utilizada, enfim, dos objetivos que foram traçados para a aula. O docente deve se conscientizar de seu papel mediador e orientador dos usos e procedimentos adequados ao ensino da língua, que no ensino médio devem “propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta” (BRASIL/SEMTEC, 2006, p.18).

O aluno precisa ser motivado ao prazer da leitura para que a escrita seja uma consequência, também prazerosa, na sua vida diária. Os domínios da fala e da

escuta necessitam estar sendo sempre motivados pelo professor de Língua Portuguesa, que, como orientador, carece primeiramente se orientar, ou seja, necessita estar atento aos materiais didáticos e usá-los da melhor forma possível, observando-os criticamente, para que continuem sendo materiais de uso e não a sua única possibilidade metodológica no ensino. Há, portanto, a necessidade de diversificar as práticas metodológicas para um efetivo trabalho com a língua portuguesa.

Por isso, salientamos as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (2006), base constituidora desta etapa de trabalho em escolas brasileiras e ótima ferramenta para o professor preocupado com sua prática docente. Apresentamos aqui caminhos possíveis na construção de sentidos no que diz respeito aos conhecimentos de Língua Portuguesa, inseridos no contexto do Ensino Médio.

Assim, pensando nas orientações curriculares que fundamentam este texto, vale salientar os caminhos históricos que configuram a identidade da disciplina Língua Portuguesa no Ensino Médio, os quais podem ser sintetizados em dois importantes momentos. Num primeiro instante, por volta dos anos 70, o debate situou-se em torno dos conteúdos de ensino. Já em um segundo momento - anos de 1980 -, os recursos e arranjos pelos quais se constrói um texto foram considerados, num relativo acordo, como sendo fundamentais no entendimento dos usos da língua, principalmente, e somente, quando estes estivessem atrelados/envolvidos em um dado contexto. Por isso, neste período, “ganharam força os estudos acerca da construção da configuração textual, particularmente sobre os mecanismos pelos quais se manifesta a coesão dos textos bem como sobre os elementos que concorrem para a coerência textual” (BRASIL/SEMTEC, 2006, p.21).

Uma importante linha de estudo nos campos da Língua Portuguesa, que não deve ficar de fora desta breve discussão corresponde ao interacionismo. Nesta perspectiva, as atividades humanas são consideradas como mediadas simbolicamente. Além disso, tem-se que, se é pelas atividades de linguagem que o homem se constitui sujeito, só por intermédio delas é que tem condições de refletir sobre si mesmo. Pode-se ainda dizer que, por meio das atividades de compreensão

e produção de textos, o sujeito desenvolve uma relação íntima com a leitura – escrita –, fala de si mesmo e do mundo que o rodeia, o que viabiliza nova significação para seus processos subjetivos. Esta visão defendida supõe uma estreita e interdependente relação entre formas linguísticas, seus usos e funções, o que resulta de se admitir que a atividade de compreensão e produção de textos envolve processos amplos e múltiplos, os quais aglutinam conhecimentos de diferentes ordens (OLIVEIRA, 2010).

Diante dessas abordagens, concebemos a língua como sendo uma das formas de manifestação da linguagem, isto é, “um entre os sistemas semióticos construídos histórica e socialmente pelo homem” (BRASIL/SEMTEC, 2006, p.18). Ela faz parte do cotidiano dos indivíduos, representa, portanto, sistemas sócio-discursivos, formulada por situações discursivas, constituída e determinada por interlocutores que dividem conhecimentos, objetivos, propósitos e intenções próprias do ambiente comunicativo em que estão inseridos, em um determinado momento da história.

Para o melhor aproveitamento do estudo da língua, é necessário que o professor adote práticas que, de maneira objetiva, possam aprimorar as condições de assimilação da disciplina. Diante disso, um fator que deve ser levado em consideração é a Interdisciplinaridade³, pois as atividades desse tipo oferecem aos discentes a possibilidade de aquisição de conhecimentos mais amplos sobre determinado objeto.

Logo, a importância de se adotar uma postura interdisciplinar reside na oportunidade de se construir recortes comparativos entre diversas áreas do conhecimento, em outras palavras, ir além da teoria gramatical, atribuindo, assim, um novo sentido às aulas; inserindo, portanto, o aluno em práticas culturais e sociais as mais diversas, considerando a abrangência que a interdisciplinaridade pode permitir.

³ Há um grupo de estudos sobre 'Interdisciplinaridade' coordenado pela Professora Dra. Ivani Catarina Arantes Fazenda, sediado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, chamado de Grupo de Estudo e Pesquisa em Interdisciplinaridade – GEPI e para maiores informações sugerimos o acesso pelo link: <http://www.pucsp.br/gepi/>. Sugerimos também uma leitura de Silva, 2008.

O docente de Língua Portuguesa que expõe diferentes visões sobre o que se está ensinando estará ampliando o conhecimento de seus alunos de maneira significativa. Por exemplo, ao analisar o uso da língua, o professor pode destacar esse uso do ponto de vista da fala cotidiana, formal e informal, ou do ponto de vista do texto jornalístico. Outro exemplo seria a abordagem da escrita e da fala utilizada por advogados, médicos, professores, escritores etc. Ênfase também deve ser dada ao trabalho com múltiplas linguagens e com os gêneros discursivos, pois se trata de uma prática que atua diante da possibilidade de se ter acesso às diferentes dimensões de produção de sentidos de maneira não-fragmentada.

Os chamados múltiplos letramentos farão as práticas de leitura e escrita excederem os seus limites mais imediatos e abarcarem a realidade em sua totalidade, isto é, a partir do trabalho com múltiplas linguagens e com gêneros discursivos, o ensino de Língua Portuguesa terá como apoio importantes ferramentas de empoderamento e inclusão social, uma vez que atividades dessa natureza se enquadram em variados contextos de diversas sociedades. Portanto, o trabalho com diversos tipos e gêneros de textos cria grandes perspectivas no tocante à obtenção de diferentes habilidades linguísticas. Isso ocorre porque os gêneros são manifestações histórico-sociais que representam de forma clara a realidade na qual seus autores estão inseridos, enquanto as múltiplas linguagens expõem as diferentes circunstâncias sob as quais interagimos.

A Língua Portuguesa é, portanto, um instrumento indispensável para a construção da autonomia dos indivíduos nas sociedades contemporâneas. No entanto, para isso, o seu ensino deve ceder espaço para as múltiplas linguagens e não se deter aos limites impostos pelo ensino tradicional, assim sendo poderá abranger os conhecimentos provenientes de diversas outras mídias. Os textos com marcas de hibridismo e hipertextualidade veiculados através da internet, da imprensa e dos filmes, por exemplo, são marcas legítimas dessas sociedades contemporâneas, que são caracterizadas pelo intenso fluxo de informações e pela velocidade na comunicação e na criação de novos elementos de interação linguístico-social. O ensino de língua portuguesa representa um meio de aquisição dos conhecimentos necessários para os indivíduos que pertencem a essas novas

sociedades. Somente portando esses conhecimentos é que os sujeitos em formação poderão ter mais segurança ao agirem sobre o meio do qual fazem parte.

Espera-se, por conseguinte, que o estudante, ao longo de sua formação, a partir do estudo da Língua Portuguesa, desenvolva as habilidades necessárias para compreender os fundamentos gerais que regem o funcionamento da língua e para produzir e interpretar textos.

Na tentativa de concretizar um ensino eficiente que abarque um sentido para todo e qualquer objetivo proposta ‘nas/para as’ aulas de Língua Portuguesa, o Ministério da Educação e Cultura - MEC, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s) para o Ensino Médio (2000), elenca algumas competências e habilidades que o docente deve considerar e/ou ao menos tomar como fundamentos para o sentido das aulas de língua materna (transcrevemos aqui tal qual consta no referido documento):

Competências e habilidades a serem desenvolvidas em Língua Portuguesa

Representação e comunicação

- Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes manifestações da linguagem verbal.
- Compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna geradora de significação e integradora da organização e da própria identidade.
- Aplicar as tecnologias de comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes da vida.

Investigação e compreensão

- Analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura, de acordo com as condições de produção, recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação das ideias e escolhas, tecnologias disponíveis).

- Recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial.
- Articular as redes de diferenças e semelhanças da comunicação, em especial da língua escrita e seus códigos sociais, contextuais e linguísticos.

Contextualização sócio-cultural

- Considerar a Língua Portuguesa como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais e como representação simbólica de experiências humanas manifestas nas formas de sentir, pensar e agir na vida social.
- Entender os impactos das tecnologias da comunicação, em especial da língua escrita na vida, nos processos de produção, de desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

Figura 1 - Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) para o Ensino Médio, 2000, p. 24

A partir desse pressuposto, a escola tem o trabalho, junto aos professores, de selecionar os conteúdos que devem ser transformados em objetos de ensino e de aprendizagem como, e acima de tudo, criar procedimentos através dos quais tal ação venha ser efetivada em sala de aula, tornando, assim, possíveis as competências e habilidades apresentadas acima.

Palavras (não) Finais

À luz de todas essas informações, faz-se necessário um redimensionamento constante nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio nas escolas brasileiras, considerando os PCN's como meio de instrumento para conseguirmos, com êxito, a concretização de tal ato. Entretanto, práticas pedagógicas devem ser adaptadas à realidade vigente, pois os aspectos sociais, históricos, culturais e políticos devem – ou deverão – ser considerados para o progresso do trabalho realizado na escola, em específico, na sala de aula.

É função da escola (conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN/96) “fortalecer o compromisso de empreender uma educação que propicie ao aluno viver e compreender de forma crítica seu tempo, o que, em outros termos, pressupõe que o aluno possa preparar-se para a vida, qualificar-se para a cidadania e capacitar-se para uma formação permanente, seja no mundo de trabalho seja no mundo da educação formal.” Evidentemente que a escola jamais conseguirá concretizar tal objetivo sem o auxílio da sociedade que cerca a vida de seu estudante. Portanto, a escola não caminha sozinha e isolada, sendo parte integrante e de extrema importância na formação do indivíduo enquanto ser socialmente inserido em uma sociedade cada vez mais carente de um sentido, sentido esse que começa a surgir na sala de aula, na relação professor-aluno.

Referências

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio** – Linguagem, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC. 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf

BRASIL/SEMTEC. **Orientações curriculares do ensino médio**. Brasília: MEC/Semtec, 2004.

_____. **Orientações curriculares do ensino médio**. Brasília: MEC/Semtec, 2006.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Formação de professores: dimensão interdisciplinar**. In: Fazenda, I. A. C; Ferreira, N. R. S. **Formação de docentes interdisciplinares**. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2013, p. 29-34.

FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo “Gramática”?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Cinco coisas que todo professor de português precisa saber**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SILVA, Juarez Thiesen da. **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem.** Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 19, p. 545 – 598, jan/jun2008.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática:** ensino plural. 5ªed. São Paulo: Cortez, 2011.